

---

Artigo Original

**Perfil socioeconômico de profissionais catadores de quatro cooperativas de resíduos sólidos da região metropolitana de Porto Alegre/RS, Brasil**

*Socioeconomic profile of professional caregivers of four cooperatives of solid waste in the metropolitan area of Porto Alegre/RS, Brazil*

*Perfil socioeconómico de los cuidadores profesionales de cuatro cooperativas de residuos sólidos en la región metropolitana de Porto Alegre/RS, Brasil*

 <http://dx.doi.org/10.18316/2317-8582.16.33>

---

*Daiana Schwengber<sup>1</sup>, Andressa de Souza<sup>1</sup>,  
Jáder da Cruz Cardoso<sup>1</sup>, Delmar Bizani<sup>1\*</sup>*

**Resumo:** a urbanização e o crescimento da população provocaram o surgimento de um dos maiores problemas ambientais da nossa geração: a produção imensurável de resíduos sólidos. Percebendo esta oportunidade de trabalho e renda, surge o profissional catador, desde sua atuação individual até a sua organização em associações ou cooperativas de reciclagem. Após mais de uma década de sua formalização, não se tem um perfil deste profissional que atua diretamente com a gestão de resíduos. O objetivo deste artigo é descrever o perfil socioeconômico dos catadores da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Para o levantamento dos dados desta investigação, foi aplicada uma entrevista fechada com 50 catadores para construção do perfil socioeconômico. Realizou-se uma entrevista individual baseada no questionário socioeconômico segundo os parâmetros estabelecido por Behs. Os resultados apontam a feminização do trabalho, a precariedade na

escolaridade, porém uma renda que possibilita a permanência destes trabalhadores nos galpões de reciclagem. O profissional catador não investe em formação ou qualificação do seu trabalho, entretanto mantém-se de maneira digna, com renda e possibilidade de atuação a partir dos valores construídos no cooperativismo.

**Palavras-chave:** Perfil socioeconômico; Catadores; Reciclagem.

**Abstract:** Urbanization and population growth led to the emergence of one of the greatest environmental problems of our generation: the immeasurable production of solid waste. Realizing this opportunity to work and income, professional groomer arises from his individual performance to your organization in associations or recycling cooperatives. After more than a decade of its formalization, if do not have a profile of this professional who works directly with waste management. The purpose of this article is to describe the socioeconomic profile of the collectors of the Greater Porto Alegre Rio Grande do Sul, Brazil. For the collection of data of this investigation was applied a closed interview 50 pickers for construction of the socioeconomic profile. We conducted individual interviews based on socioeconomic questionnaire according to the parameters established by Behs. The results show the feminization work, precariousness in education, but an income that allows the permanence of these workers in recycling warehouses. The professional recycled garbage pickers does not invest in training or qualification of his work, however, keeps a dignified manner, with income and the possibility of action from the values built on cooperativismo.

---

<sup>1</sup>Programa de Pós Graduação em Saúde e Desenvolvimento Humano. Centro Universitário La Salle – Unilasalle/ Canoas-RS.

\***Endereço de correspondência:** Av: Victor Barreto, 2288. Canoas – RS. CEP: 92010-000.

**E-mail:** delmar@unilasalle.edu.br

**Submetido em:** 08/06/2015

**Aceito em:** 11/082016

**Keywords:** Class social; Solid Waste Segregators; Recycling.

## INTRODUÇÃO

O sistema produtivo não apenas consome os recursos, mas também devolve ao meio ambiente quantidades crescentes de materiais na forma de resíduos<sup>1</sup>. Os resíduos sólidos urbanos apresentam classificação e valores diferenciados para os profissionais que deles retiram sua fonte de renda. A Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais<sup>2</sup> estima que a coleta mundial de resíduos sólidos urbanos chegue a 1,2 bilhão de toneladas/ano. Havendo um valor agregado aos resíduos sólidos, o profissional catador busca obter sua renda através da triagem e venda do material coletado que apresenta valores diferenciados no mercado<sup>1</sup>. Mas, afinal, quem são estes profissionais?

O profissional catador era denominado “garrafeiro” e estava presente nos bairros e vilas das cidades no começo do século XX<sup>3</sup>. Com a urbanização e o crescimento das cidades, pessoas iniciaram o processo de “catação” nas ruas para venda de papel e de sucata. Nas últimas décadas, o produto descartável, que tem vida curta no ciclo de consumo capitalista, tornou-se um dos maiores problemas ambientais urbanos e, conseqüentemente, um dos maiores produtos de venda para os catadores<sup>1</sup>.

A partir do aumento na produção e descarte destes materiais, houve o crescimento paralelo de trabalhadores que se beneficiam desta matéria-prima. Desde a década de 90, o interesse acadêmico por este profissional vem tomando espaço<sup>1,2</sup>. Estudos que trazem como foco de pesquisa o catador e que buscam construir um perfil socioeconômico foram realizados nos últimos anos por pesquisadores nas áreas da saúde, meio ambiente e psicologia. Porém, como sabemos, os catadores podem exercer seu ofício de forma individual, em associações ou em cooperativas.

Anteriormente à inserção do catador como profissional, Ferreira e Anjos<sup>4</sup> descreviam o perfil de catadores subdivididos em três categorias: catadores de rua, catadores cooperados e catadores de lixão. Denomina-se catador de rua a categoria que coleta em sacos de lixo colocados pela população na rua, pelo comércio local ou pelas indústrias, tendo sua própria carroça ou qualquer outro transporte adaptado para carga. Os catadores cooperados e autogestionários são aqueles que prestam serviço de coleta seletiva de qualidade, de forma articulada e organizada, gerando trabalho e renda. Os catadores de lixão encaixam-se na relação direta de exclusão social, são aqueles que fazem a catação diretamente nos lixões dos municípios e que estão desvinculados de qualquer assistência e organização<sup>5</sup>.

No Brasil, há diferentes tipos de catadores, conforme descreve Gonçalves<sup>5</sup>: os “*trecheiros*”, por exemplo, são aqueles que vivem de cidade em cidade, sem residência fixa, e que catam latas de alumínio ou papelões para a venda diária. Os “*catadores de lixão*”, que catam de dia ou de noite nos lixões a céu aberto, fazem seu horário e catam há muito tempo ou só quando estão sem serviço de obra, pintura, etc. Estes também podem ser catadores individuais ou organizados em cooperativas/associações, geralmente moram próximo ao próprio lixão, em condições insalubres. Os “*catadores individuais*”, que, como o nome indica, catam por si, preferem trabalhar independentes, puxam carrinhos, muitas vezes emprestados pelo comprador, que é o sucateiro; a maioria não se vincula a cooperativas ou associações. Por fim, existem os “*catadores organizados*” em cooperativas ou associações – que geralmente nascem da união dos catadores individuais.

Em 2002, os catadores tiveram sua profissão inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO94), e esta conquista apontava para o resgate da dignidade desses trabalhadores, inserindo-os no âmbito

das políticas públicas. A Classificação Brasileira de Ocupações<sup>6</sup> identifica pelo número 5192 os tipos de trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável, categorizando-os em três subdivisões: catador de material reciclável, selecionador de material reciclável e operador de prensa de material reciclável. É considerado catador de material reciclável todo catador de ferro-velho, papel e papelão, sucata, vasilhames de plástico ou de vidro e enfardador de sucata, com trabalho realizado em cooperativas ou associações. Mas há também os catadores individuais e os sucateiros. Os catadores individuais vendem os materiais coletados para associações, cooperativas ou sucateiros. Geralmente, escolhem o melhor preço, sem vínculos pessoais ou profissionais. Os sucateiros agem como pequenos empresários, sem nenhuma relação com os movimentos cooperativistas ou da economia solidária.

Após mais de uma década de sua formalização, qual o perfil deste profissional que atua diretamente com a gestão de resíduos? O objetivo deste artigo é levantar o perfil socioeconômico dos catadores integrantes de quatro cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo de delineamento transversal, quantitativo, realizado em quatro cooperativas de resíduos sólidos, localizadas nos municípios de Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo (Região Metropolitana de Porto Alegre).

A cooperativa de Canoas iniciou suas atividades em 1986 e está localizada no bairro Mathias Velho. Realiza a coleta seletiva no município e tem uma sede própria, a antiga Associação de Carroceiros. Apresenta em seu quadro de trabalho 24 cooperados. Sua triagem anual chega a aproximadamente 442 toneladas de resíduos/ano.

Em Esteio, a cooperativa tem aproximadamente treze anos de trabalho e experiência em coleta seletiva. Sua sede está localizada em um galpão cedido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, no bairro Primavera. Esta cooperativa é a única da cidade e, no momento, tem um total de 32 cooperados que triam aproximadamente 698 toneladas de resíduos/ano.

A cooperativa de São Leopoldo é uma entre as sete cooperativas que realizam a coleta seletiva no município. Atualmente, conta com treze cooperados e mais de dezoito anos de experiência em triagem. Está localizada no bairro Feitoria e tria aproximadamente 319 toneladas de resíduos/ano.

A última cooperativa participante da pesquisa está localizada no centro da cidade de Novo Hamburgo e conta com dezessete colaboradores. Trata-se de uma sede filial da cooperativa do município de Campo Bom que tem mais de 22 anos de trabalho. O galpão onde é realizada aproximadamente a triagem de 688 toneladas de resíduos/ano, exerce atividade em um espaço cedido pela prefeitura municipal por meio de contrato de prestação de serviços. Todas as cooperativas pesquisadas têm contratos de prestação de serviços com a gestão pública municipal de seus municípios para realização da coleta seletiva.

Para investigação, foram convidados os catadores que faziam parte da equipe de trabalho das quatro cooperativas (n=86). Deste total, um cooperado menor de idade foi excluído, houve a exclusão de doze catadores que não quiseram participar do estudo e 26 catadores que não estavam presentes no momento da aplicação dos questionários, chegando a uma amostra final de 50 participantes (n=50).

A coleta de dados foi realizada no período de janeiro a março de 2015, por quatro bolsistas da Incubadora de Empreendimentos Solidários do Unilasalle/Canoas-RS, que receberam instruções prévias antes da aplicação. As

entrevistas foram conduzidas de forma individual baseada no questionário socioeconômico de Behs<sup>7</sup>, que tem como característica o questionamento com respostas fechadas, as quais servem como apoio para estruturar as teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa<sup>8</sup> e construção do perfil socioeconômico dos catadores estudados.

A catador entrevistado, foram esclarecidos seus direitos frente à participação na pesquisa e, no caso de concordância em participar, foi obtido o consentimento formal por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Considerando o baixo grau de escolaridade dos catadores, foram lidas as perguntas do questionário junto com o entrevistado, caso houvesse dúvidas. O tempo médio para cada entrevista foi de 40 minutos.

As análises foram processadas usando o *Statistical Package for the Social Science* versão 20.0 (SPSS, Chicago, IL). Os

dados foram resumidos usando estatísticas descritivas convencionais. As variáveis categóricas foram descritas em números absolutos e porcentagem.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário La Salle Canoas, recebendo o Certificado de Aprovação para Apreciação Ética - CAAE-37434314.7.0000.5307, sob parecer consubstanciado nº 878.732, conforme estabelece a Resolução 466/2012, sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram divididos em duas categorias: levantamento e estudo das características da amostra estudada e condições de trabalho. Na primeira categoria, observam-se os dados referentes ao perfil da amostra relacionado ao sexo, idade, estado civil, escolaridade e moradia. A Tabela 1 mostra o perfil étnico-social estratificado dos cooperados participantes do estudo.

Tabela 1: Perfil étnico-social estratificado dos catadores cooperados.

VARIÁVEIS	TOTAL n=50	%
<b>SEXO</b>		
Masculino	18	36
Feminino	32	64
<b>IDADE</b>		
18 a 25 anos	8	16
26 a 33 anos	11	22
34 a 41 anos	8	16
42 a 50 anos	8	16
Acima de 51 anos	15	30
<b>ESTADO CIVIL</b>		
Solteiro	24	48
Casado	16	32
Divorciado	6	12
Viúvo	3	6
Outro	1	2
<b>ESCOLARIDADE</b>		
Anos iniciais incompletos <sup>1</sup>	30	60
Anos finais incompletos <sup>2</sup>	6	12
Não alfabetizado	5	10

Ensino médio incompleto	3	6
Ensino médio completo	3	6
Anos iniciais completos	1	2
Anos finais completos	1	2
Outro	1	2
<b>MORADIA</b>		
Própria	33	66
Alugada	8	16
Cedida	6	12
Regularizada	3	6
<b>MORADIA/LOCALIZAÇÃO</b>		
Bairro diferente da cooperativa	27	54
Mesmo bairro da cooperativa	21	42
Em outra cidade	2	4

<sup>1</sup>Do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental – duração de cinco anos conforme Resolução Nº 3, de 3 de agosto de 2005 (BRASIL, 2005).

<sup>2</sup>Do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental – duração de quatro anos conforme Resolução Nº 3, de 3 de agosto de 2005 (BRASIL, 2005).

Conforme observamos na Tabela 1, a população estudada apresentou um predomínio de indivíduos do sexo feminino (64%). O questionário utilizado estava dividido em dois sexos: masculino e feminino, porém dois cooperados assinalaram a alternativa “masculino” devido ao seu sexo biológico de nascimento e ao nome que consta em sua carteira de identidade. Os dois cooperados já utilizam nomes referentes ao sexo feminino; mas, como não atualizaram sua documentação, preferiram assinalar “masculino”. Na pesquisa de Baffi<sup>9</sup>, o resultado é muito semelhante, 65,5% dos catadores participantes são mulheres. Behs<sup>7</sup> também encontrou um resultado similar, com 75% entrevistados do sexo feminino. Abreu<sup>10</sup>, que realizou sua pesquisa com catadores individuais, também encontrou o resultado de 52% de catadoras do sexo feminino na população estudada.

Muitas mulheres assumem a postura de chefes de famílias e estão cada vez mais expostas ao desemprego e a trabalhos informais e precários, incluindo atividades domésticas. Neves e Costa<sup>11</sup> apontam que as mulheres dominam a “feminização da pobreza”, ou seja, a pobreza para as

mulheres apresenta-se de maneira mais dura em função da desigualdade social e discriminação que atinge inclusive a sua inclusão no mercado de trabalho. Para as autoras, as mulheres não têm acesso a trabalhos como ajudante de pedreiros, mecânico, pintor, entre outros que estão associados a alternativas para aqueles que apresentam baixa escolaridade ou que necessitam de renda imediata.

Em relação à idade dos catadores, observa-se uma maior frequência na faixa etária acima de 50 anos. Percebeu-se a prevalência de cooperados acima de 34 anos somando 62%. Abreu<sup>10</sup> obteve resultado diferente, 46% dos entrevistados estão na faixa etária entre 28-38 anos, porém devemos lembrar que se trata de catadores individuais. Segundo Silva<sup>12</sup> (2003), a idade é um dos fatores que mais afeta a forma de participação no mercado de trabalho urbano formal, o qual, no Brasil, é mais favorável ao recrutamento de jovens. Muitos trabalhadores perdem seu emprego com idade já avançada, o que dificulta a sua inserção no mercado formal de trabalho. No entanto, na profissão de catador, a idade não constitui fator excludente, garantindo assim a admissão deste sujeito, a renda e a

participação em um ambiente que lhe proporcione dignidade e inclusão.

Quanto ao estado civil da amostra pesquisada, a maioria dos cooperados são solteiros (48%), seguidos daqueles que estão casados (32%). Foram considerados casados todos aqueles que moram com seu companheiro ou companheira por mais de dois anos. Baffi<sup>8</sup> apresentou em sua pesquisa um resultado semelhante, 52,2% eram solteiros, seguido de 47,8% casados.

Constatou-se que, mais de 80% dos catadores não chegaram ao ensino médio, visto que 60% não completaram os anos iniciais, 12% não completaram os anos finais e 10% não foram alfabetizados. Baffi<sup>9</sup> também teve como característica da população 76,8% que não completaram o ensino fundamental. Behs<sup>7</sup> apresenta um resultado muito semelhante, 18,75% não concluíram o ensino fundamental e 12,5% são analfabetos. Muitos catadores procuram as cooperativas pela baixa escolaridade, já que não conseguem inserção no mercado formal de trabalho que exige, muitas vezes, a escolaridade mínima do ensino fundamental completo. Fischer e Franzoi<sup>13</sup> colocam que os trabalhadores guardam da escola que não os incluiu um misto de fascínio e medo, porque não a reconhecem como um direito seu, e a escola regular cria para eles dificuldades de acesso e permanência. Todos aqueles que responderam que não foram alfabetizados gostariam de receber formação para que possam escrever corretamente seus nomes, ler pequenas frases e sentirem-se incluídos no mundo letrado.

Descreveu-se o tipo e a localização de moradia em relação à localização da cooperativa a que o catador está vinculado. A maior parcela dos cooperados moram em residências próprias, cerca de 66%. Foram consideradas “próprias” inclusive as

moradias em áreas de invasão e popularmente denominadas “áreas verdes”. Baffi<sup>8</sup> também ressalta que os 52,2% que responderam em sua pesquisa que moram em residência própria residem em propriedades de invasão e com pequenos cômodos. Quanto à localização da cooperativa, a maioria dos cooperados reside em outro bairro, ou seja, em um bairro vizinho ao da cooperativa de resíduos sólidos. Já na pesquisa de Behs<sup>7</sup>, 87,5% mora no mesmo bairro onde está localizada a cooperativa. É comum que os catadores morem próximos às cooperativas; porém, das quatro cooperativas pesquisadas, duas apresentam peculiaridades. A cooperativa de Novo Hamburgo está localizada no centro da cidade, mas a totalidade de catadores desta cooperativa que participaram da pesquisa (n=10) residem nos bairros vizinhos. A cooperativa do município de Esteio está localizada na antiga sede da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, uma área de difícil acesso e distante de suas residências. Esta é a única cooperativa do município que, por meio de um contrato com a prefeitura, autoriza os catadores a utilizar este espaço por um período de dez anos.

Nesta segunda categoria, consideramos as condições de trabalho relacionadas à renda, tempo e jornada de trabalho na cooperativa. Com base nos dados da pesquisa, observa-se na Tabela 2 que 94% dos cooperados atualmente possuem renda acima de R\$ 801,00, ou seja, acima do salário mínimo nacional atual. Destes, 60% que apresentam renda entre R\$ 801,00 a R\$1.100,00 trabalham na triagem e coleta de resíduos sólidos, e os 34% com renda acima de R\$ 1.100,00 são coletores, motoristas e integrantes da coordenação das cooperativas participantes.

**Tabela II.** Condições de renda e jornada de trabalho dos catadores cooperados.

VARIÁVEIS	TOTAL n=50	%
<b>RENDA</b>		
de R\$ 500,00 a R\$ 800,00	3	6,0
de R\$ 801,00 a R\$ 1.100,00	30	60,0
acima de R\$ 1.100,00	17	34,0
<b>TEMPO DE TRABALHO</b>		
Menos de 1 ano	10	20,0
1 - 2 anos	13	26,0
3 - 4 anos	4	8,0
5 - 6 anos	4	8,0
Mais de 7 anos	19	38,0
<b>HORAS DE TRABALHO/DIA</b>		
3-5 horas	1	2,0
6-7 horas	9	18,0
8-9 horas	40	80,0
<b>TURNOS TRABALHADOS/DIA</b>		
2 turnos	48	96,0
3 turnos	2	4,0
<b>DIAS TRABALHADOS/SEMANA</b>		
6 dias	42	84,0
5 dias	8	16,0

A renda dos catadores que trabalham em uma mesma cooperativa pode variar, já que a partilha pode ser calculada pelo número de horas trabalhadas no mês ou quinzena. Outro fator que influencia na renda é o ritmo de trabalho, ou seja, o valor recebido pode ser calculado através das toneladas triadas e vendidas no mês ou quinzena, quanto menor a triagem e venda, menor será a renda. Fatores como o valor do material e a sua sazonalidade no mercado também impactam diretamente na remuneração<sup>11,14</sup>.

Castilhos Junior *et al*<sup>14</sup> fazem uma observação quanto à renda dos catadores na região sul do Brasil, “é a maior dentre as pesquisadas, os nordestinos são menos remunerados”, porém as causas dessa variação não foram investigadas. Baffi<sup>8</sup> coloca como característica da sua população estudada uma renda abaixo de R\$ 380,00. Cooperativas e associações que não trabalham de forma sincronizada, com organização, construção de metas e com

foco no trabalho coletivo não conseguem obter uma renda que supra as necessidades básicas do catador. Singer<sup>15</sup> esclarece que na Economia Solidária não existe salário, mas sim, retirada, e esta é distribuída equitativamente para todos os cooperados conforme a receita recebida. Nas quatro cooperativas participantes, somente uma recebe uma partilha fixa, as outras dividem o valor total das vendas dos materiais triados por quinzena. Todos os catadores participam das vendas e da partilha, proporcionando maior credibilidade ao trabalho.

Quanto ao tempo de trabalho na cooperativa, 46% dos cooperados estão vinculados há menos de dois anos, sendo 20% com menos de um ano e 26% de um a dois anos. Cooperados acima de sete anos somaram 38%. A rotatividade é um grande problema enfrentado pelas cooperativas de reciclagem como mostram pesquisas já realizadas em diversas partes do Brasil. Baffi<sup>8</sup> traz como resultado do tempo de trabalho que 72,3% dos catadores

entrevistados estavam nas cooperativas em um período menor que um ano, o que também aparece na pesquisa de Behs<sup>7</sup>, em que mais da metade (71,25%) atua há menos de quatro anos como catador. Muitos catadores individuais iniciam o trabalho em cooperativas de resíduos sólidos e não se adaptam ao trabalho coletivo. Outros, por indicação de familiares e amigos, iniciam as atividades pela falta de emprego e renda e, quando surge uma oportunidade em outro local, mesmo que a renda seja menor, eles migram para a oferta de trabalho formal.

Em relação às horas trabalhadas/dia, houve a prevalência de 8-9 horas (80%), equivalendo a dois turnos trabalhados/dia (96%). Quanto aos dias trabalhados/semana, quase todos os cooperados trabalham seis dias por semana, ou seja, de segunda a sábado. Carranza *et al*<sup>6</sup> dizem que os trabalhadores que atuam na catação de lixo estão diretamente envolvidos no processo de manuseio, transporte e destinação final dos resíduos, formam uma população numerosa, com grande importância econômica e com precárias condições de trabalho. Segundo os autores, esses trabalhadores estão expostos a longas jornadas de trabalho e com riscos de comprometimento de sua saúde.

Os catadores das quatro cooperativas pesquisadas em nosso estudo apresentam uma jornada de atividades semelhante a qualquer outro tipo de trabalho formal, com 40 ou 44 horas semanais, conforme previsto pela Constituição Federal, art. 7º inciso XIII<sup>17</sup>.

O trabalho é elemento integrante da vida do indivíduo, possibilita a construção de uma identidade, não só profissional como também pessoal, além de ser meio de reconhecimento e de valorização social, não sendo apenas meio de vida, forma a identidade da pessoa, e a sua profissão caracteriza o seu modo de vida<sup>18</sup>. O material reciclável para os catadores é sinônimo de comida, roupa, casa, possibilidade de sobrevivência. Enquanto para a população os resíduos sólidos são os restos para descarte de algo que já foi desejado e

adquirido; para o catador, eles constituem o objeto do seu trabalho, o que lhe permite sustentar sua família. Para Miura<sup>19</sup>, o lixo não significa apenas dinheiro para o catador, mas uma atividade que possibilita a redenção e a oportunidade de inserção no trabalho.

## CONCLUSÃO

O perfil socioeconômico dos catadores das quatro cooperativas da Região Metropolitana de Porto Alegre apresentou como características que a maioria é composta por indivíduos do sexo feminino, solteiros, com idade acima de 34 anos e ensino fundamental incompleto. Em relação ao acesso à moradia, a maioria reside em um bairro diferente de sua cooperativa de trabalho e possui casa própria. As condições de trabalho e renda se mostram favoráveis, pois a maioria trabalha no máximo nove horas/dia, distribuídas em dois turnos, de segunda a sexta-feira, e a renda mensal é superior a R\$ 801,00.

As quatro cooperativas participantes trabalham com os princípios do cooperativismo que buscam valorizar a construção de decisões, o trabalho coletivo e a autogestão<sup>1</sup>. Porém, percebe-se que os profissionais que atuam nestes galpões possuem escolaridade mínima e fazem-se necessárias atividades de formação e capacitação para melhorar a organização, a renda e a atuação política. A renda mensal, à primeira vista, parece satisfatória se associarmos a variável escolaridade, porém este valor não é de fato a realidade mensal. Ele pode variar conforme oferta de matéria-prima, preço de mercado e organização do empreendimento. Houve relatos de que, em meses anteriores, o valor de partilha foi menor que R\$ 400,00.

O profissional catador está ocupando seu espaço e necessita de apoio para a melhoria do seu trabalho e de sua qualidade de vida. Estudos anteriores apresentaram resultados semelhantes, os quais nos fazem

<sup>1</sup> Gestão realizada de forma compartilhada (SINGER, 2002).



concluir que o progresso ainda não chegou a quem realmente deveria: as pessoas, os catadores.

## REFERÊNCIAS

1. Demajorovick J, Lima M. Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores. São Paulo: Edições SESC SP; 2013.
2. Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE). Panorama Mundial dos resíduos sólidos. Em "Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2007". São Paulo; 2008.
3. Pinhel JR. Do Lixo a Cidadania: Guia para Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis. São Paulo: Editora Petrópolis; 2013.
4. Ferreira JA. Anjos LA. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. Revista Caderno de Saúde Pública. 2001; 17(3): 689-696.
5. Gonçalves PA reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos. Rio de Janeiro: DP&A: Fase; 2003.
6. Brasil. Ministério do Trabalho. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO. Brasília: MTE, SPPE; 2010.
7. Behs IM. (Des)conexões na educação para a saúde integral : um estudo de caso com catadores de uma cooperativa. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre; 2014.
8. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
9. Baffi SMO. Qualidade de vida de participantes de programas de Economia Solidária. Dissertação (Mestrado) Psicologia Social, Universidade Metodista de São Paulo; 2008.
10. Abreu EP. Condições de trabalho, saúde e hábitos de vida dos catadores de resíduos sólidos da vila Vale do Sol em Aparecida de Goiânia-GO. Dissertação de (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde: Goiás; 2011.
11. Neves MA, Costa BA. Empreendimentos de reciclagem: as mulheres na economia solidária. Anais do XIII Congresso de Sociologia. UFPE: Recife; 2007.
12. Silva ACG. Catadores de lixo: aspectos sócio-ambiental da atividade desenvolvida no lixão municipal de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável; 2003.
13. Fischer MC, Franzoi NI. Formação humana e educação profissional: diálogos possíveis. Educação, Sociedade & Cultura. 2009; 29: 35-51.
14. Castilhos Jr AB, Ramos NF, Alves CM, Forcellini FA, Gracioli OD. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Ciência & Saúde Coletiva. 2013; 18(11): 3115-3124.
15. Singer P. Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. In: Singer P, Souza AR. (org). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto; 2002.
16. Carranza AC, Zelaya I, Iglesias S. El Salvador - Trabajo infantil em los basureros: una evaluación rápida. Geneve: Oficina Internacional Del Trabajo; 2002.
17. Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico; 1988.
18. Medeiros LFR, Macedo KB. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. 2007; 3(2): 72-94.
19. Miura PCO. Tornar-se catador: uma análise psicossocial. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo; 2004.